



Relação professor/professora – aluno/aluna:
o papel da experiência na formação
docente em Arte



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

BIANCA SCAINI MARINHEIRO

**RELAÇÃO PROFESSOR/PROFESSORA - ALUNO/ALUNA: O PAPEL DA
EXPÊRIENCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE**

CRICIÚMA
2020

BIANCA SCAINI MARINHEIRO

**RELAÇÃO PROFESSOR/PROFESSORA - ALUNO/ALUNA: O PAPEL DA
EXPÊRIENCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciada no curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina de
Souza Honorato

CRICIÚMA

2020

BIANCA SCAINI MARINHEIRO

**RELAÇÃO PROFESSOR/PROFESSORA - ALUNO/ALUNA: O PAPEL DA
EXPÊRIENCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Licenciada, no
Curso de Artes Visuais da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC,
com Linha de Pesquisa em Educação e
Arte.

Criciúma, 30 de novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora – (UNESC) – Orientadora

Profa. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestra – (UNESC)

Prof.^a Angelica Neumaier – Mestra – (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno por sempre estar comigo me dando forças, tornando-se um lugar onde encontro paz, onde respiro fundo e penso eu consigo! Destaco a mim mesma, pela minha persistência e dedicação nestes 3 anos e meio na graduação e na construção desta pesquisa.

Agradeço aos meu pais Hervaldo e Jocilene por serem meus primeiros incentivadores, não pouparam esforços para isso. Ao meu irmão Davi obrigada por alegrar a minha vida e pela compreensão por ter prorrogado algumas noites dos irmãos. Gratidão, amo vocês família!

Destaco meu vô João Scaini (em memória) por seus conselhos que me ajudaram a trilhar este caminho. Também estendendo meus agradecimentos aos demais familiares e amigas/amigos que me ouviram e ajudaram com palavras de incentivo. Obrigada *migos* por compreenderem minha ausência neste tempo!

Agradeço também aos meus colegas do curso, em especial Karol e Lili com quem dividi desabafos e dificuldades. Obrigada meninas por toda a ajuda! Juntamente com elas agradeço a minha orientadora Aurélia Regina de Souza, obrigada por ter aceito meu convite e por todas suas contribuições, por me passar segurança e tranquilidade, obrigada por todo auxílio e paciência comigo. GRATIDÃO por ter me ajudado a atravessar esse caminho!

Não menos importante quero agradecer ao meu cônjuge Juliano, obrigada por sempre estar comigo me incentivando e apoiando, obrigada por sonhar junto! Agradeço por toda sua ajuda nesse tempo e por você sempre me impulsionar a crescer. Você foi essencial para mim neste percurso, te amo!

Termino agradecendo a todas professoras e professores do curso, todos colegas que contribuíram nesta pesquisa respondendo o formulário e todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho. Gratidão!

“Aqueles que passam por nós, não vão
sós, não nos deixam sós. Deixam um
pouco de si, levam um pouco de nós. ”

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma as memórias trazidas do tempo de estudante no que diz respeito as experiências professor/a-aluno/a, podem agir na formação do ser professor e professora de Artes. Dessa forma, busco compreender sobre a importância da memória e da experiência no percurso formativo do/da professor/a, ampliando estudos sobre esse processo. Para a escrita tomo como base teórica pesquisadores/as: Canton (2009), Honorato (2015), Larrosa (2014), Loponte (2007) e Souza (2014) entre outros. A metodologia empregada é a pesquisa narrativa contemplando relatos de acadêmicos e acadêmicas do curso de Artes Visuais Licenciatura. A presente pesquisa evidencia a importância dos relacionamentos entre professores/as e alunos/as, refletindo sobre desdobramentos desse relacionamento na vida do/a aluno/a e na construção do ser professor/a de Artes.

Palavras-chave: Memória. Experiência. Relação professor/a-aluno/a. Formação de professores e professoras de Artes.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 A travessia (2018). Chiharu Shiota.....	11
Imagem 2 Uma sala de memória (2009). Chiharu Shiota	16
Imagem 3 Cumulação- Em busca do destino (2020). Chiharu Shiota.....	22
Imagem 4Corpos Ausentes (2016). Chiharu Shiota	26
Imagem 5 A chave na mão (2015). Chiharu Shiota.....	30
Imagem 6 Formulário 1	32
Imagem 7 Formulário 2	33
Imagem 8 Formulário 3	33
Imagem 9 Além da memória (2019). Chiharu Shiota	51

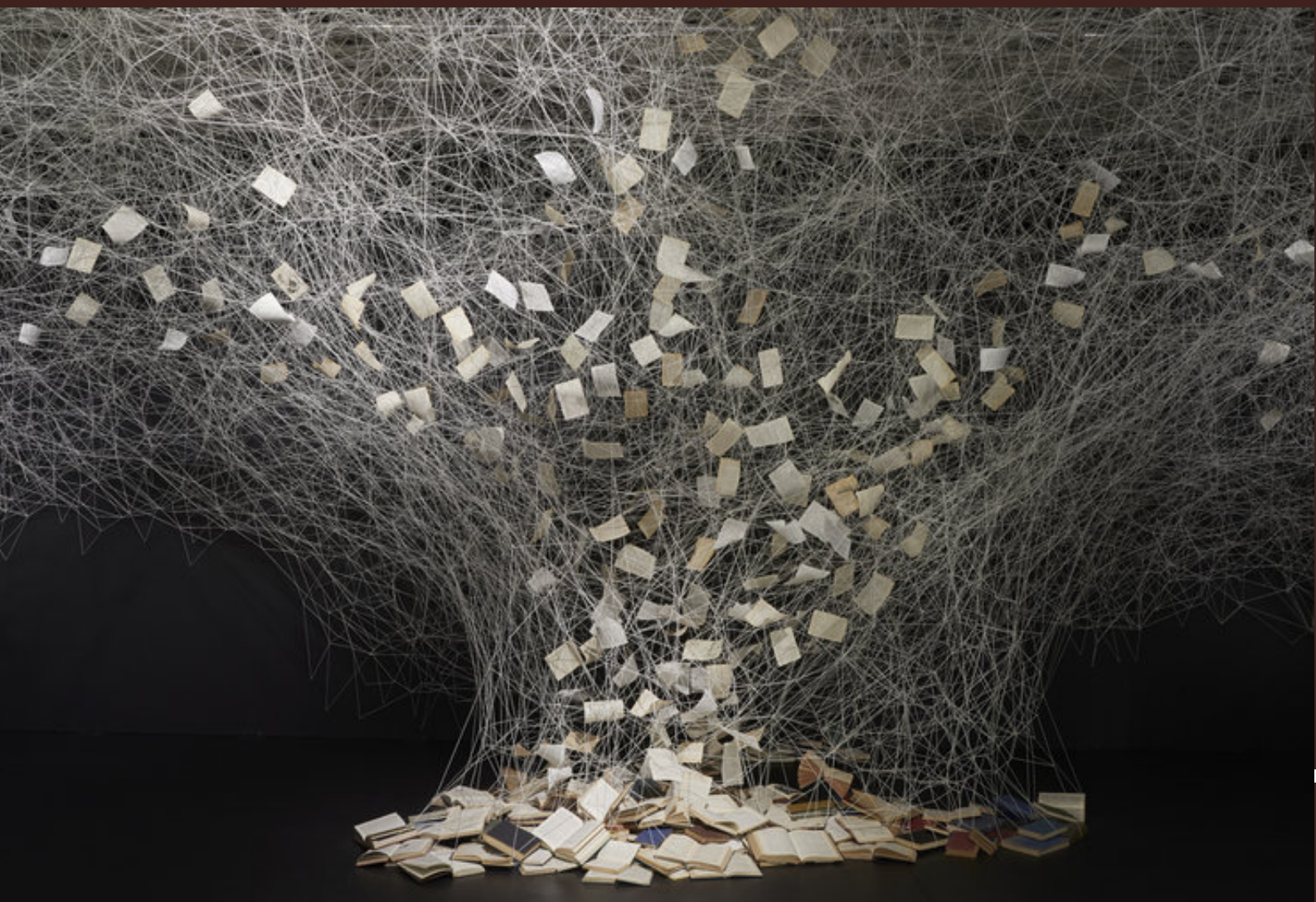
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PIBID	Programa de Bolsas de Iniciação à Docência
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A TRAVESSIA.....	11
1.1 METODOLOGIA.....	14
2 DOCÊNCIA EM ARTE	16
2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES	19
3 MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA	22
3.1 RELAÇÃO PROFESSOR/A – ALUNO/A.....	26
4 NARRATIVAS EM FOCO	30
4.1 MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS AFETIVAS RELAÇÃO PROFESSOR/A- ALUNO/A.....	34
4.2 MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS RELAÇÃO PROFESSOR/A- ALUNO/A.....	38
4.3 QUAIS CONCEPÇÕES TÊM OS ACADÊMICOS/AS SOBRE QUE PROFESSOR/A PRETENDE SER.....	43
5 PROJETO DE CURSO	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXO(S).....	56
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ESCRITA	57

1 INTRODUÇÃO: A TRAVESSIA



A obra que abre a introdução da pesquisa é de Chiharu Shiota, de 2018, intitulada *A travessia*. Os materiais que a artista utiliza são fios de lã branca e livros. Chiharu é uma artista japonesa que atualmente reside em Berlim. Algumas de suas obras estarão presentes nesta pesquisa dialogando com minhas reflexões e minha escrita. Assim, como o título da obra sugere, farei uma travessia percorrendo um caminho nesta investigação e fazendo conexões com pessoas, conceitos e narrativas.

A pesquisa surge de alguns questionamentos que tive, e tenho ainda, no decorrer do Curso de graduação em Artes Visuais. Questionamentos que versam sobre a relação professor/professora - aluno/aluna. Às vezes esperava que meus professores/as na graduação dessem a *receita pronta* do que fazer com relação a situações que envolvem o relacionamento entre estes atores na escola, mas aprendi que não é assim que funciona. Foi pensando nestes questionamentos sobre essa relação e sobre minhas experiências como estudante que me percebi interessada e curiosa em pesquisar esse tema. Deste modo, constituo aqui uma questão problema que foi meu ponto de partida para esta investigação: **em que medida as memórias trazidas do tempo de estudante, no que diz respeito as experiências relação professor/professora - aluno/aluna, podem agir na formação do ser professor/a de Artes?** Penso ser muito importante esse assunto para nós, futuros professores/as, para sabermos o que essas relações podem gerar em nós e no outro.

De que maneira essas relações afetam o aluno/aluna? Muitos de nós, que já fomos estudantes nos diferentes níveis de ensino, passamos por experiências de afetos e desafetos na escola. Seja na relação com nossos professores e professoras, como também com outros personagens da comunidade escolar, mas o foco aqui é esta relação tão fundamental na formação da criança e do jovem na escola, que é a relação que temos com nossos/as professores/as. Nesta pesquisa vejo esta relação muito próxima daquilo que entendo sobre experiência. Experiência tratada aqui a partir de Larrosa (2002) “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002. p. 25-26). Pensar em experiência nesta perspectiva abre espaço para outras questões que acabam por nortear meu caminho investigativo: até que ponto as experiências na escola e hoje, na graduação, vão interferir na atuação

como docentes? Como foram os relacionamentos com professores e professoras? Professores/as que desmotivaram? Professores/as amigos/as? Professores/as que te ouviram? Professores/as que te constrangeram? E que professor/a pretendes ser?

São muitas indagações que me trouxeram a esta travessia e que me oportunizaram conhecer histórias de outros professores e professoras de Artes em formação e com isso refletir sobre o que essas memórias de experiências de relacionamentos na escola podem gerar na construção de professores e professoras de Artes. A pesquisa versa sobre a importância da memória, da experiência e da subjetividade no processo formativo de docentes do ensino de arte e busca a ampliação de estudos sobre esta formação.

As obras da artista Chiharu Shiota fazem a abertura dos capítulos que constituem esta pesquisa. O capítulo primeiro, como título *Docência em arte*, amplia os estudos sobre a docência em arte e a formação de professores/as de Artes. Dialoga com as autoras Honorato (2015), Hernandez (2005) e Loponte (2017).

Já o segundo capítulo intitulado Experiência e Memória, discute a importância da experiência e da memória no percurso formativo do professor/a de Artes. Incorporando as lembranças de experiências das relações professor/a –aluno/a como possíveis reverberações na subjetividade destes. Traz autores Jorge Larrosa (2014), Katia Canton (2011) e Mariana Jantsch Souza (2014). Aqui em especial dialoga com mais uma obra da artista Chiharu Shiota (2016) intitulada *corpos ausentes*.

Por fim, o capítulo três, *Narrativas em foco: a chave na mão*, traz os relatos dos/das acadêmicos/as do curso de Artes Visuais Licenciatura. Histórias que nos fazem compreender de que maneira esta relação professor/professora - aluno/aluna afeta a formação dos sujeitos nos diferentes níveis de estudo.

1.1 METODOLOGIA

Este trabalho tem o caráter de pesquisa científica,

O conhecimento científico ultrapassa os limites do empírico na medida em que ele procura evidenciar, além do próprio fenômeno, as causas e a lógica de sua ocorrência. (FIALHO, 2002, p.3).

Se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC ¹. Uma linha que propõe estudos sobre as relações existentes entre a educação e o campo da arte na perspectiva da escola, e que permite a abordagem dos conceitos apresentados aqui que são: memória, experiência, relação professor/professora – aluno/aluna e formação de professores de Artes. Quanto a natureza é uma pesquisa básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Quanto a abordagem do problema é uma pesquisa qualitativa. Sobre o aspecto de procedimento técnico é uma pesquisa de campo e ao procedimento metodológico, se caracteriza como Pesquisa Narrativa, que segundo Sahagoff:

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Segundo os autores, que desenvolvem seu trabalho de pesquisa narrativa como método de estudo, o papel do pesquisador é interpretar os textos e, a partir deles, criar um novo texto. Os dados obtidos na pesquisa podem ser coletados de forma oral e/ou escrita, cabendo ao pesquisador decidir qual delas é de adequa mais ao perfil de seu estudo. (SAHAGOFF, 2015, p. 1-2)

O formulário continha apenas um texto breve de apresentação dos objetivos do estudo e algumas questões pertinentes às experiências dos participantes em seus tempos de vida escolar na educação básica e também no curso superior. Obtive a resposta de 13 formulários das turmas de 6º fase e 8º fase do curso de Artes Visuais de Licenciatura, a partir dessa coleta de dados elaborei categorias

¹ http://www.unesc.net/portal/resources/off_icial_documents/17812.pdf?1524592578

para maior eficácia na análise. Por conseguinte, em consonância com estudos de autores sobre os temas apresentados na investigação, buscou-se trazer reflexões e construir argumentações que dessem conta de responder à questão central da pesquisa, assim como de alcançar os objetivos a que ela se propôs. No capítulo três deste estudo apresento com mais detalhes o processo de coleta dos dados.

2 DOCÊNCIA EM ARTE



Inicialmente abro este capítulo com a obra *Uma sala de memória* de Chiharu Shiota de 2009, exposta no Museu de Arte Contemporânea do Século 21, Kanazawa no Japão. Na obra há janelas velhas de madeira e uma cadeira. Talvez me distancio do título ao pensar as conexões da obra com a docência em arte, mas ao vê-la penso nas inúmeras possibilidades que nos permite o ensino da arte, como as janelas que sempre nos permitem observar, enxergar, algo através delas. Imagino um/a professor/a sentado nesta cadeira percebendo quantas coisas podemos ver, aprender e ensinar pela e com a arte.

No entanto, nem sempre o ensino de arte foi ou é visto como uma área de conhecimento com inúmeras possibilidades, assim como as janelas nos permitem. Para Fusari e Ferraz (1992) “Uma educação do ver, do observar, significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano” (p. 74). Muitas vezes o ensino volta-se apenas para uma linguagem da arte como o desenho ou apenas para um período na história da arte como o das artes clássicas, ou mesmo apenas para a prática do fazer. Limitar o ensino da arte desta maneira é fixá-lo em modelos não permitindo que seja janela. Susana Rangel Vieira da Cunha contribui ao dizer:

Procuro tecer fios com as alunas, mesclando o pensamento sensível e conceitual, uma vez que não existe processo de conhecimento em arte numa perspectiva apenas teórica/reflexiva ou experiencial. O conhecimento neste campo necessita da mediação entre os dois. É conhecendo e pensando sobre a produção simbólica, vivenciando e entendendo os seus processos expressivos que as pessoas ampliarão suas visões sobre a arte em sua dimensão histórica, social, individual, expressiva, conceitual, cultural, simbólica e técnica. (CUNHA, 2001, p.1).

Pensar deste modo é acreditar que a arte precisa estar presente para todos e com todas as suas possibilidades, para alunos e alunas construírem esse conhecimento e vivenciarem diferentes formas de aprender, seja pelo fazer, pelo ouvir, pelo experimentar, pelo conhecer, pelo ver, pelo sentir. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

[...] é preciso reconhecer a diversidade de saberes, experiências e práticas artísticas como modos legítimos de pensar, de experienciar e de fruir a Arte, o que coloca em evidência o caráter social e político dessas práticas. (BRASIL, 2018, p. 197).

Diante disso, é fundamental que professores e professoras percebam estas possibilidades de janelas, tanto para levá-las aos seus alunos/as, como também trazê-las para suas experiências na formação. Honorato (2015) contribui ao dizer;

O ensino da arte precisa avançar para além da centralidade que ainda perdura no que tange às obras, aos artistas, a historicidade, às práticas expressivas. É comum ouvir alunos na graduação em dúvidas com relação ao sentido da arte na educação, ao sentido da arte na escola. ” (HONORATO, 2015, p.35).

Assim, precisamos propiciar espaços para reflexões a respeito da arte e buscar para além das mesmas práticas.

Sobre docência Loponte (2017) diz que não há uma *receita pronta*, mas que o professor se forma de acordo com suas vivências e experiências resignificadas a partir de suas relações intersubjetivas, pois “Uma docência que se faz “artista” pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se.” (LOPONTE, 2007, p. 236). A docência artista que diz Loponte (2017) é aquela que vê a docência como “obra de arte”, que compreende que nesta caminhada vai ter dificuldades, frustrações, erros, conquistas, lutas. “Pensar em uma docência artista não é, no entanto, negar que existam “modos e formas” de atuar e de ser docente, mas sim encontrar saídas para escapar da cristalização destes modos como verdades” (LOPONTE, 2017, p. 238).

Assim, não existe uma docência com verdades absolutas, não existe uma *forma* para moldar o bom professor, a boa professora. Percebemos que o ensino da arte, desde que se tornou um componente curricular obrigatório na educação básica, sofreu significativas mudanças em seu percurso. Estas mudanças refletem na formação destes/as professores/a. O que era o “correto” para alguns, hoje talvez não seja mais. Cada professor e professora carrega uma bagagem de sua formação e se não houver uma continuidade em suas formações, isso vai ser o que estes vão ensinar em sala de aula, conceitos desatualizados.

Por isso, essa importância de uma docência artista, que se atualiza, se renova, se repensa, se desconstrói. Honorato (2015) conclui esse pensamento ao dizer “O tempo apresenta diferentes instantes do ensino da arte na história da educação brasileira. Instantes estes que transformam o presente e abrem possibilidades de repensar o caminho percorrido para construir outros caminhos, outros instantes” (HONORATO, 2015. p.25)

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES

Em determinada fase da vida, para algumas pessoas, vem o questionamento: será que vou fazer uma graduação? Qual curso faria? Começamos a pensar no que queremos e com o que nos identificamos. Quando entrei no curso de licenciatura em Artes Visuais comecei a refletir e pensar que seriam 4 anos, no mínimo, de formação para me tornar uma profissional do ensino da arte. Quando refletimos sobre esse processo de formação, talvez poderíamos pensar lá atrás, desde o início de nosso percurso escolar, do conhecimento que tivemos em arte, a partir das aulas de Artes, mesmo quando sequer pensávamos em ser professores e professoras.

Só estando na graduação vejo quão diferente é esse conhecimento e necessita ser, pois precisamos estar habilitados e abertos para atuar como docentes. No entanto, percebo como as minhas aulas de Artes poderiam ter sido diferentes. Nesse sentido concordo com o pensamento de Loponte ao dizer “A formação de professores em arte é um dos pontos cruciais para qualquer mudança efetiva na escola [...]” (LOPONTE, 2010, p.238).

Mesmo diante de aulas de Artes que vivenciei, percebo que Arte sempre foi algo que esteve próximo de mim em minhas preferências e gostos, mesmo não tendo consciência. No Ensino Médio pensava nas inúmeras possibilidades de graduação, que se apresentavam para mim. Ficava confusa. Mas, quando cogitei cursar Artes Visuais percebi o quanto fazia sentido. Assim, em 2017 entrei no Curso de Artes Visuais Licenciatura na UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, localizada em Criciúma, SC. Cursar licenciatura me trouxe inseguranças. Será que serei uma boa professora? Será que vou gostar?

O que me ajudou a esclarecer essas questões foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que comecei quando estava na quarta fase e também os estágios obrigatórios do curso. O PIBID foi uma experiência que teve uma duração maior que os estágios, já que os estágios têm duração de um semestre e permaneci no PIBID por um ano. Foi uma experiência única e maravilhosa, que me afetou de diferentes formas. Este programa me proporcionou as minhas primeiras vivências com ser professora de Artes e a compreensão da organização e funcionamento do espaço escolar. Segundo Honorato (2015) a experiência ativa reflexões em várias dimensões,

[...] Dimensões estas que estão imbricadas na vida e que precisam estar constantemente presentes nas reflexões e ações dos professores e professoras de Artes, assim como nas ações e pretensões das aulas de Artes” (HONORATO, 2015, p.35).

Nota-se a importância de experiências como estas que citei entre outras, presentes na formação de professores e professoras de Artes. Pois “ [...] o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2015, p.25). Ou seja, nesse processo precisamos estar abertos e dispostos a sermos ensináveis.

Neste percurso formativo cada acadêmico/a vai assumindo seu próprio processo, cada um vai percorrendo um caminho para a construção do ser professor/a de Artes. Hernández (2005) aborda que a tomada de consciência em relação; O que ensinar? Por que ensinar? E outros questionamentos relacionados a como se concebe o conhecimento contribui para o processo formativo:

Desta maneira, o aluno vai assumindo seu próprio processo e dominando seu próprio pensamento e o sentido de sua ação. Para tal fim, abordar a autobiografia contribui para detectar as teorias que ele tem sobre o ensino, o bom professor, os alunos e as imagens que projetam de si mesmos. O que significa resgatar sua experiência de vida, sua escolarização, tratando de colocar de manifesto sua representação da escola, a educação, o professor, o currículo, o ensino da arte. (HERNÁNDEZ, 2005. p. 36)

Portanto, tomar consciência de alguns questionamentos a partir de nossas próprias experiências, como: Será que a maneira como penso o ser professor/a está vinculado com percurso escolar que vivenciei ou/ também com professores/as que tive? Essas indagações contribuem, segundo Hernandez (2005) para a tomada de consciência “[...] que atua como referência de sentido no processo de formação” (HERNANDEZ, 2005, p 35).

Dessa forma, compreende-se o questionamento que impulsionou esta pesquisa: em que medida as memórias trazidas do tempo de estudante vinculadas as experiências de relacionamentos entre professor/professora - aluno/aluna, podem agir na formação do ser professor/a de Artes. Assim, penso quais influências esses relacionamentos têm em meu processo formativo e de outros professores/as de Artes. Diamond e Mullen (2004) dialogam com meus questionamentos quando apresentam em seus estudos questões como esta: “[...] pergunto-me como é que cada um dos meus antigos professores influenciou as minhas ideias sobre a

professora que sou, a professora que quero ser e a professora que tenho medo de ser? ” (DIAMOND e MULLEN, 2004, p.169-171). É com esta questão parceira das minhas que entro na reflexão sobre a memória e a experiência.

3 MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA



A memória e a experiência têm um papel muito importante nesta pesquisa, pois a partir das memórias é que podemos retomar as experiências no percurso de estudante sobre as relações professor/professora – aluno/aluna. O termo memória é pensado a partir das escritas das autoras Mariana Jantsch Souza (2014) e Kátia Canton (2009). Souza (2014) em seu artigo *A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade* diz que só há esse resgate das memórias através das lembranças passadas, daquilo que já vivenciamos. No entanto, gostaria de diferenciar as lembranças de experiências vivenciadas diariamente da ideia de experiência que Larrosa apresenta, quando diz sobre o saber da experiência:

Este é o saber da experiência; o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (LARROSA, 2014, p. 32).

A experiência abordada aqui é aquela que “nos passa” como diz Larrosa (2014), que nos afeta, que nos acontece e nos transforma.

A memória está diretamente ligada com o tempo, com o passado e com o presente. Atualmente percebemos que os dias e meses estão passando cada vez mais rápidos e dizemos “estou sem tempo”, como se estivéssemos em uma velocidade maior do que antes. Será que a terra está fazendo sua rotação em outra velocidade? Por que este fato está acontecendo? Percebermos que esta é uma sensação praticamente universal.

Larrosa (2014) fala sobre essa velocidade, “[...] tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (LARROSA, 2014, p. 22). Ou seja, esse excesso de informação acaba afetando nossas vidas de diferentes formas. Canton contribui ao dizer;

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetividade cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento. (CANTON, 2011, p.20)

Assim, essa falta de tempo e o excesso de informações dificultam as noções a respeito da memória e provocam distanciamento das experiências “que nos passa”.

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. (LARROSA, 2014, p. 22)

A experiência quando é totalmente vivenciada sem essas interrupções descritas anteriormente é e torna-se aquela que “que nos passa”, assim, nos aproximando da memória e conseqüentemente, reverberam na construção da nossa identidade. Souza (2014) contribui ao dizer que a memória pode ser “fonte de referentes identitários”, que vai reconfigurando o eu. Assim, justificando o fato sobre ter optado por buscar relatos de lembranças de experiências relações professor/professora – aluno/aluna, pois essas podem agir na formação do ser professores/as de Artes.

Na abertura deste capítulo vemos a obra *Cumulação - Em busca do destino* de Chiharu Shiota, 2020. A obra apresenta malas, motores e cordas vermelhas. Existe uma conexão dessa obra com a experiência e a memória abordada nesta pesquisa. Penso as malas como memórias e experiências que cada um de nós carregamos e vamos guardando no decorrer de nossas vidas. O interessante de perceber nessa obra é a variação de malas, não há iguais, assim, somos nós, não temos malas iguais, a experiência é única, cada pessoa tem a sua subjetividade e sua história. Para Larrosa

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (LARROSA, 2014, p.32)

Assim, são nossas experiências. Mesmo que dois alunos estudem na mesma escola, na mesma turma, com um mesmo professor, terão experiências diferentes, pois são pessoas singulares que percebem as situações de formas diferentes. Constroem suas subjetividades nos contextos sociais que vivem.

Por conseguinte, nossa subjetividade é influenciada pelo meio social e pelo contexto histórico que vivenciamos. Segundo Prata (2005):

Mesmo se considerarmos determinados modos de a subjetividade se organizar em relação ao psíquico, esses modos estão relacionados aos padrões identitários e normativos que se constituem em cada época. Esses padrões identitários estão ativamente presentes não só nas macrorrelações, mas também circulam nas microrrelações entre os sujeitos. (PRATA, 2005, p.113)

Desta maneira, a nossa subjetividade também é influenciada pelas nossas relações, nas macrorrelações e nas microrrelações que ocorrem entre os indivíduos, as quais pode ser os relacionamentos como; amigos, professores, família e outros.

Expostos os conceitos de experiência e memória nesta pesquisa, partimos para um foco nas experiências e memórias referentes a relação professor/professora – aluno/aluna. Alguns de nós estudamos e vivenciamos um percurso escolar, passando pela educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, graduação. Nem todos percorreram exatamente essas fases, mas quase todas as pessoas tiveram em determinado momento um professor/a em sua vida. Essas lembranças ficam em nossa mente, principalmente aquelas que “nos passa” como diz Larrosa, que nos afetaram. O termo afeto de acordo com Spinoza (2009);

[...] expressa a mudança de um estado a outro, não apenas no corpo afetado, mas também no corpo afetante. Essa transição pode ser positiva ou negativa para o corpo afetado, o que se caracteriza pelo aumento, no primeiro caso, ou pela redução, no segundo, da potência de agir do corpo. (SPINOZA, 2009 apud NOVIKOFF e CAVALCANTI, 2015, p.91).

Ou seja, essas lembranças desses relacionamentos que nos afetaram não são necessariamente só experiências boas, mas também podem ser ruins. Acrescento também aquelas que talvez foram estranhas, indiferentes ou ainda outras emoções e sentimentos existentes. Diante disso, pensamos quais lembranças que são marcantes nesse percurso formativo? Quais experiências que vivenciamos

relacionadas com professor/a de Artes ou não, mas que de alguma maneira nos afetou, seja de forma positiva ou negativa? Para Canton “A memória é uma questão que me interessa muito, porque acho que, para pensarmos o futuro, temos que fazer uma reflexão do passado. O passado e o futuro estão ligados” (CANTON, 2009, p.50). E é com este pensamento que adentro no assunto destas relações que nos afetam.

3.1 RELAÇÃO PROFESSOR/A – ALUNO/A



Imagem 4 Corpos Ausentes (2016). Chiharu Shiota

A obra *Corpos Ausentes* de Chiharu Shiota de 2016, apresenta duas cadeiras de madeira e lã vermelha. Trago essa obra para refletirmos sobre o relacionamento entre professores/as e alunos/as. O que mais me chamou a atenção nesta imagem é o posicionamento das cadeiras: lado a lado. Esse fato me fez lembrar de uma leitura realizada ano passado do livro *A coragem de ser imperfeito* de Brené Bronw (2013), onde ela conta sobre uma conversa com uma professora a respeito de uma nota. Ela se imaginava “sentada atrás de sua grande mesa de ferro” (BRONW, 2017, p.17), mas foi surpreendida quando a professora puxou a cadeira e se acomodou ao seu lado. Isso me faz pensar sobre essa horizontalidade, atitude que diz: estou ao seu lado, estou disposta a te ajudar e não te julgar. Ensinando-nos sobre afetividade.

Eu vivenciei no ensino superior esse “ocupar o mesmo lado da mesa” como diz Brené Bronw (2013). Tinha uma conversa marcada com determinada professora e ao chegar e vê-la sentada em uma mesa redonda, puxei a cadeira de frente para ela e está solicitou que eu sentasse ao seu lado. Senti um estranhamento daquele pedido, mas ao mesmo tempo me senti acolhida. Esta é apenas uma atitude entre tantas outras que nos revelam afetividade.

Na escola existem vários sujeitos e várias interações entre estes, no entanto, Togatlian (2010) diz que talvez a mais importante é a interação entre professores/as e alunos/as “Cada aluno tem vários professores durante um mesmo ano letivo e dezenas durante sua vida escolar. Cada professor tem dezenas de alunos em cada turma, muitos possuem centenas de alunos por ano” (TOGATLIAN, 2010, p. 11). As outras interações também são importantes, mas concordo com Togatlian, pois passamos mais tempo com os/as professores/as e estes/as atuam significativamente em nossa formação. Pensar assim é acreditar na potência da escola e das relações que nela se estabelecem.

A afetividade, nesses relacionamentos, nos mostra a importância no desenvolvimento do aluno/a e na formação desse sujeito. Ela pode estar presente ou não. Segundo Togatlian:

Se a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas através dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade. Em relação especificamente à aprendizagem escolar, o enredo que envolve alunos, professores, tarefas, conteúdo escolar, livros, etc. não se desenvolve apenas no campo cognitivo. Existe uma origem afetiva permeando essas relações. (TOGATLIAN, 2010, p.13)

Assim, percebemos a importância da afetividade na aprendizagem de alunos e alunas. Jalcinês da Costa Pereira soma ao dizer:

A afetividade é vista hoje como o ponto chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno, quando o aluno sente-se motivado, seu comportamento muda positivamente, e seu interesse em aprender cada vez mais, logo aumenta [...]” (PEREIRA, 2017, p.15).

Refletindo sobre esta questão trago como exemplo uma experiência que tive com uma professora nos anos iniciais e que me marcou. Ela demonstrava que se importava comigo, percebeu que eu tinha algumas dificuldades de aprendizagem e foi paciente com meu desenvolvimento. Conversou com meus pais e sugeriu que eu entrasse no *reforço*, refere-se ao auxílio na aprendizagem do conteúdo já estudado, ensinado por outra professora pedagoga no contra turno da aula. Percebo hoje que esta atitude da professora me ajudou a vencer aquelas dificuldades.

Algumas situações entre professor/a – aluno/a perpassam a questão da aprendizagem. Pois,

Os relacionamentos podem definir como o aluno vai encarar o dia a dia da escola em todos os níveis de ensino. Tais relacionamentos podem ser decisivos para o sucesso acadêmico e, de acordo com a idade do aluno, podem influenciar também nas escolhas futuras, como as disciplinas que mais gostam ou as que menos gostam, o tipo de vínculo que mais lhe agrada ou mesmo a carreira que irá seguir. O ambiente escolar pode ser agradável ou insuportável, e os professores interferem diretamente nessa questão. (GOLDANI et al. 2010, p.5).

Interessante refletir que esse ambiente pode se tornar um *fardo* para alunos/as por determinados fatores. Antes de eu entrar no ensino médio, havia realizado uma prova para estudar em uma escola federal, mas no primeiro momento não passei. Acabei me matriculando em outra escola perto de minha casa, estava tudo ótimo, meus colegas e amigos/as do ensino fundamental estudavam lá. Depois de quase dois meses a escola que fiz a prova e não passei ligou, dizendo que uma pessoa havia desistido e pela ordem da prova a vaga era minha. A escola era em outra cidade, não tinha nenhum um amigo/a, me senti muito perdida, foi bem complicado por estar sozinha. Neste momento que ainda não tinha feito algumas amizades, me acordava para ir à escola desmotivada e triste. Lembro-me de um professor que demonstrou afeto, às vezes ele sentava comigo e conversava nos

intervalos. No início achei um pouco estranho por ter aquela proximidade, afinal não havia ainda conhecido um professor amigo.

Essas são algumas experiências que vivenciei como estudante. Eu tive vários outros relacionamentos, bons e poucos ruins e outros que *tanto faz como tanto fez*, sei que isso parte de nós também, da nossa abertura para o outro se aproximar.

Está presente em meu relato anteriormente momentos que falo sobre sentir um estranhamento, esse estranhamento talvez venha de não esperar isso do outro, de algo que não é comum, que não conheço. Penso que este sentimento com a relação à atitude destes professores e professoras, foi devido a não ser comum. Como o título da obra *Corpos Ausentes*, por que só há as cadeiras na obra, cadê os sujeitos que sentam nelas? Será que há essa ausência de afetividade em relacionamentos entre professores/a- alunos/a? Teve ausência de afetividade em relacionamentos com seus professores/as? São questionamentos para refletirmos sobre os desdobramentos da afetividade nesses relacionamentos.

Buscando esclarecer sobre o que é uma visão de ensino mais sensível e de afeto, as ideias de Paulo Freire expostas por Bilio e Pereira (2019) ampliam nosso olhar:

Sobre a relação professor-aluno, a proposta freiriana é o estabelecimento de uma relação baseada no diálogo, na construção coletiva e recíproca do conhecimento, ou seja, a efetivação da educação libertadora em detrimento da educação bancária. Mas, essa visão não corrobora a indisciplina, o desrespeito e violência para com o professor. Nem tampouco a falta de aprendizagem, já que muitos atribuem à prática autoritária do professor como à base para a construção do conhecimento. Freire (1996) apresenta a necessidade de se engendrar uma educação molhada de afetividade, mas não deixando que a efetividade interferisse no cumprimento ético e no dever de professor e na sua autoridade. (BILIO; PEREIRA, 2019. p.318).

Refletindo sobre esse ensino regado por pensamentos, de Paulo Freire, não tem como não lembrar de nossas impressões sobre as relações com os professores/as que tivemos no decorrer dos anos como alunos/alunas. E é neste contexto de reflexão que apresento o capítulo Narrativas em foco, onde a fala dos participantes da pesquisa nos ajudam a encontrar as aproximações e os distanciamentos com nossas experiências e nossas afetividades.

4 NARRATIVAS EM FOCO



Neste capítulo apresento os relatos dos acadêmicos e acadêmicas do curso de Artes Visuais em Licenciatura a respeito das memórias de seus percursos escolares, na educação básica e também na graduação, pertinentes aos seus relacionamentos com professores/as. Chiharu Shiota e sua obra *A chave na mão* de 2015, me ajudam a refletir o que aqui apresento. A chave é objeto que pode abrir e fechar coisas, mas vou focar mais no abrir, ela pode abrir a porta da sua casa, seu quarto, um diário, um cadeado de uma bicicleta, e mais. Só conseguimos abrir se estivermos com a chave certa nas mãos. Ao convidar os alunos/a da graduação para compartilharem suas histórias eles me entregaram suas chaves, me concederam liberdade para abrir suas memórias e assim navegar por suas narrativas.

Tendo em vista o procedimento metodológico da pesquisa narrativa, foram convidados a responder um formulário alunos/alunas da graduação em Artes Visuais Licenciatura. O formulário foi elaborado utilizando a ferramenta tecnológica *google forms*. Deste modo, o/a participante conseguiu responder pelo seu computador ou *smartphone*. Em meio ao cenário atual de covid-19, essa foi forma que optei para conseguir informações não tendo o contato físico com as pessoas.

Ao entrar no formulário o/a participante encontra um breve texto que informa sobre quem eu sou e uma explicação sobre a pesquisa (imagem 6). Posteriormente, pede o endereço de *e-mail* e em seguida o contato de telefone. Há apenas duas perguntas no formulário, sem limite de palavras para as respostas (imagem 7). A primeira pergunta é uma provocação para que o/a participante narre experiências de relacionamento com seus professores/as, pensando o que foi significativo ou marcante no percurso escolar, desde a educação básica até a superior.

Já a segunda pergunta é continuidade da primeira, que sugere que através das experiências relatadas na pergunta anterior, narre como estas influenciam no ser professor/a de Artes hoje. Por fim, pede a fase do curso, o nome e o ano que se formou no ensino fundamental e no Ensino médio (imagem 8). Aqui é importante destacar que os e as participantes tiveram a oportunidade de optar por permitirem o uso de seus nomes verdadeiros, ou de criarem um pseudônimo para não serem expostos. A grande maioria optou por permitirem o uso dos nomes verdadeiros.

Foram convidados a responder este formulário acadêmicos e acadêmicas do curso de Artes Visuais Licenciatura, sendo de duas turmas a 6º fase e a 8º fase, ambas do turno vespertino. Escolhi essas turmas por estarem em processo de formação para atuarem na docência no ensino de arte e por terem já vivenciado

algum estágio obrigatório, afinal os estágios na licenciatura possibilitam ao estudante em formação conhecer e vivenciar o campo de trabalho futuro de forma mais intensa, pois têm a oportunidade de estarem na escola e se relacionarem com as crianças e jovens, assim como com os profissionais da educação.

Convidei essas pessoas pelo celular utilizando o aplicativo de comunicação *WhatsApp*, enviando o *link* que dá acesso ao formulário e uma breve mensagem pedindo a cooperação das pessoas. Obtive respostas a 13 formulários, ou seja, 13 acadêmicas/os responderam. Da 6ª fase 5 alunas responderam e da 8ª fase 8 alunas/os responderam.

Para apresentação e discussão dos dados coletados elaborei categorias de análise. A primeira categoria refere-se a primeira pergunta do formulário, exposta como: *memórias de experiências afetivas na relação professor/a-aluno/a*. A segunda categoria chama-se *memórias de experiências negativas na relação professor/a-aluno/a* e também é referente a primeira pergunta do formulário. A terceira categoria se apresenta como: *quais concepções têm os acadêmicos/as sobre que professor/a pretendem sere*, referente à segunda pergunta do formulário. Na sequência trago os relatos.

Formulário Tcc

Olá acadêmicas e acadêmicos do Curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESC. Me chamo Bianca Scaini e estou em processo de pesquisa de meu Trabalho de Conclusão de Curso da 8ª fase. Minha pesquisa versa sobre as memórias trazidas do tempo de estudante, no que diz respeito as experiências na relação professor/professora - aluno/aluna, e em que medida estas experiências podem agir na formação do ser professor/professora de Artes. Conto com a ajuda de vocês para conhecer suas experiências no decorrer do seu percurso como estudantes e hoje como acadêmicas e acadêmicos do curso. Ouvir suas histórias será fundamental para compreender de que maneira esta relação professor/professora - aluno/aluna afeta a formação dos sujeitos nos diferentes níveis de estudo.

Todos nós passamos por esse percurso escolar e hoje somos estudantes novamente, com toda certeza vivenciamos experiências de afetos e desafetos com nossos professores e professoras. "É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002. p. 25-26).

Muito obrigada :)

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail

Preencha este campo.

Imagem 6 Formulário 1

Contato (celular) *

Sua resposta

Como foram seus relacionamentos com seus professores e professoras? Professores/as que incentivaram? Professores/as que desmotivaram? Professores/as que os constrangeram? Professores/as ouviram? Professores/as amigos/as? O que te atravessou nesse tempo como estudante? *

Sua resposta

Com base em suas experiências, que professor/professora você é ou pretende ser? Dentro daquilo que você vivenciou nesses relacionamentos o que te faz pensar em ser diferente? Ou em reproduzir aquilo de bom que você vivenciou? *

Sua resposta

Imagem 7 Formulário 2

Em que fase do curso você está ? *

☐ 6ª fase

☐ 8ª fase

☐ Outro: _____

Nome real ou fictício.

Sua resposta

Formação/ano - Que ano você se formou no anos iniciais do fundamental (1º ano a 5ºano), nos anos finais (6ºano a 9ºano) e no Ensino médio? *

Sua resposta

☐ Envie-me uma cópia das minhas respostas.

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

 reCAPTCHA
[Privacidade](#) [Termos](#)

Imagem 8 Formulário 3

4.1 MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS AFETIVAS RELAÇÃO NA PROFESSOR/A-ALUNO/A

As primeiras questões do instrumento de pesquisa surgem como uma provocação da memória de salas de aula que vivenciaram e de suas experiências: “Como foram seus relacionamentos com seus professores e professoras? Professores/as que incentivaram? Professores/as que desmotivaram? Professores/as que os constrangeram? Professores/as ouviram? Professores/as amigos/as? O que te atravessou nesse tempo como estudante? ” Os graduandos/as trouxeram relatos de experiência com professores e professoras, não necessariamente somente o/a professor/a de Artes, mas todos. Memórias positivas e memórias negativas também.

Sandra Regina Bittencourt Figueira da 6ª fase relata sobre a importância de uma professora em seu percurso escolar.

Eu posso dizer que eu tive uma experiência meio que diferente, ou não, eu estudei só até o segundo ano quando criança, pois tive que sair da escola para trabalhar em casa de família, voltei a estudar depois de casada já com meus filhos pequenos. Eu levava eles comigo aqui no meu bairro, eu tive uma professora a Claudia que para mim foi não apenas uma professora, mas amiga, ela levava as filhas dela a Arieli e Ariel já moças para cuidar dos meus pequenos para mim estudar. Ela foi minha professora no proeja e também foi professora dos meus filhos na creche, no ensino fundamental e hoje ela é diretora de uma escola. Para mim ela me incentivava muito, e até hoje quando eu preciso ela sempre está disposta a me ajudar, ela é um exemplo. Já na faculdade tenho algumas que me inspira também, cada uma com suas especificidades.

Já o Maicon da 8ª fase fala sobre uma professora da Educação Infantil, e suas experiências com os professores/as no Ensino Fundamental e Ensino Médio, por fim, sobre a formação no Ensino Superior.

A professora que mais me ouviu dentro da educação infantil foi a professora Bernadete Romancine, uma mulher de ouro, fazia tudo pelos seus alunos (crianças), e inclusive tenho contato com ela ainda hoje. Já no ensino fundamental e ensino médio foi os anos mais especiais que passei, pois tive as melhores professoras, desde matemática, português, artes, Geografia, eram as das mais boas possíveis, foram anos maravilhosos para meu

aprendizado. Não tive nenhum professor que deixou a desejar durante meu percurso na formação do ensino fundamental e no médio. Tive muitos professores conselheiros, quem passou por essa fase sabe muito bem como é, viver esses momentos, de turbulências. Acrescentaram muito para minha formação, abrirem muito nossos olhares perante a sociedade machista, passaram uma visão de mundo logo ali sabe? Foi magnifico, eterna gratidão e eles. No ensino superior, meu relacionamento com os professores perante minha formação acadêmica foi a das melhores possíveis. Tive vários professores na minha trajetória na graduação que me incentivaram de alguma forma, tanto na ajuda de projetos quanto a mim em pessoa.

A Larissa da 6º fase fala sobre professores/as que se tornaram amigos/as. E os meus favoritos professores que se tornaram meus amigos, Leandro é um bom exemplo, eu só pude ler 1984 de George Orwell pois ele me emprestou, a didática dele é maravilhosa, não consigo pensar em nenhuma aula monótona, ele usava filmes em sala de aula, um pessoa que sempre tentava fazer proposições de viagens de estudo com seus colegas professores de outras disciplinas e ele é principalmente é um bom ouvinte dos alunos, assistiu minhas recomendações de filmes e animes, aliás os professores que são amigos dele são tão bons quanto ele. Os professores da universidade em sua grande e esmagadora maioria são profissionais competentes, com proposições incríveis.

A Renatha Wadocha fala sobre que sempre teve relacionamentos bons com os professores e professoras no seu ensino básico.

Sempre tive bom relacionamento com meus professores, nunca tive problemas de relacionamento na época de escola, sempre fui comunicativa e me disponibilizava sempre que fosse preciso desde o primário.

Por conseguinte, Marina da 8º fase e Leila da 6º fase relatam sobre algumas professoras de Artes que as afetaram.

Marina - Durante meu percurso escolar algumas professoras de Artes me marcaram (sendo que tive apenas professoras mulheres). Recordo-me do ensino fundamental I, de ter uma professora que me incentivava, realizava peças teatrais que me deixavam motivada.

Leila Martins - Na maior parte de meus anos na escola, professores de Arte nunca foram muito marcantes, a não ser durante meu período no Ensino Fundamental II, onde tive duas

professoras incríveis, das quais me lembro muito bem, inclusive uma delas me dá aula agora, no Ensino Superior.

Assim, também os relatos da Flor e da Karolyne, ambas da 8ª fase, expressam relacionamentos com professores/as de Artes e também de outras áreas, que as afetaram.

Flor - Lembro da minha professora de Artes do ensino médio, ótima professora amiga boa ouvinte sempre motivando a turma, minha professora de matemática do ensino médio também era uma ótima professora ela sempre perguntava como a turma está se precisaria volta o assunto. Hoje eu vejo essas situações como um aprendizado para minha formação, pós reflete em que professora eu quero ser.

Karolyne - Tive professores que incentivam, mas pensando no professor de Artes, a única foi a do Ensino Médio. Foi professora dos três períodos, e quando resolvi fazer a graduação em Artes Visuais Licenciatura conversei com ela para saber como era formação e o campo de trabalho (me apoiou bastante). Inclusive era com ela que iria fazer o meu estágio do Ensino Médio, que não rolou devido ao covid. Tive professores que ouviam e eram amigos, e quando a minha mãe engravidou da minha irmã eu estava na segunda série (8anos) e falava todos os dias disso para a professora pedagoga e segunda professora de um aluno especial. E me lembro de dizer para elas, que queria que ambas fossem visitar a minha casa quando ela nascesse (para conhecer a minha irmã). A minha irmã Karine nasceu no dia 17 de setembro de 2007, e um mês de pois ambas vieram na minha casa (lembro de ter ficado muito contente, e ter me sentido importante). O que me atravessou na minha vida como estudante, é que sempre há esperança.

Por fim, Juliana Drewke da 8ª fase fala sobre sua experiência no ensino médio de acolhimento e cuidado.

No ensino médio, mesmo estando em uma escola técnica (IFSC) percebi que a maneira de ser docente era baseada numa ideologia de educação muito diferente. Por várias vezes, não apenas o corpo docente, mas também as outras equipes que compunham o Instituto prezavam pelo bem-estar e sentimento de pertencimento do aluno. Sempre houve prioridade em entender quem eram os alunos, de onde vinham, do que precisavam e sempre se abriam espaços para diálogos e trocas, inclusive aberturas para orientações além da sala de aula, como encontro com a psicóloga, auxílio financeiro, projetos de extensão,

laboratório, etc. A partir dessa vivência me percebi na área da educação, tive essa vontade de atuar como eles, uma professora aberta, sensível, humana.

Portanto, estes são alguns fragmentos dos relatos respondidos, sendo apenas lembranças boas e afetivas do que “nos passa” como diz Larrosa (2014). Percebe-se lendo estas escritas as atitudes de professores e professoras que se repetem, sendo consideradas importantes para as alunas e aluno. Sandra traz a imagem de uma professora que se preocupou com suas necessidades e que agiu para além de suas obrigações. Esta ação também está presente no relato de Karolyne, quando conta sobre a professora pedagoga e segunda professora irem a sua casa conhecerem sua irmã ao nascer.

Já Maicon fala sobre uma professora que estava disposta a ouvi-lo e professores/as conselheiros. Nas escritas de Juliana Drewke e Larissa também está presente essa preocupação com aluno/a. Larissa fala sobre ser ouvida, pois conta que um professor deu atenção para suas recomendações e continua no relato dizendo que o professor era amigo.

Por fim, há relatos a respeito de professoras de artes. Marina aborda sobre a aprendizagem, relatando que a professora a motivava trazendo coisas novas na aula de arte, rompendo apenas um ensinar de uma linguagem da arte. Loponte contribui ao dizer que a importância do conhecimento do professor/a nas diferentes linguagens existentes na Arte: “Um dos principais desafios que se coloca aqui é o aprimoramento da formação docente nas diferentes linguagens de arte, tanto na formação inicial como na formação continuada ” (Loponte, 2010 p.239). Discussões estas realizada no capítulo *docência em arte* sobre as inúmeras possibilidades de ver pela e com a Arte.

A Leila e a Flor contam sobre professores/as de artes e como eles/elas as afetaram. Por conseguinte, karolyne relata o incentivo e apoio de uma professora de artes em sua escolha profissional.

Portanto, o que mais se repetiu nos discursos das acadêmicas/os a respeito de experiências positivas com professores/as foram; Docentes que se preocuparam, percebendo suas necessidades. Professores/as que os ouviram e aconselharam. Professores/as que foram amigos/as. Professores/as que os incentivaram e apoiaram. No final das escritas da Flor e Juliana Drewke já observamos possíveis reflexos dessas atitudes na construção do ser professor/a de Artes.

4.2 MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS NA RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A

Focando ainda na primeira pergunta do formulário, trago um recorte das escritas a respeito de experiências negativas e de desafios a respeito do relacionamento com professores e professoras.

Juliana Drewke relata sobre suas experiências negativas no ensino básico.

Ao longo do ensino básico tive mais experiências negativas, daquelas onde temos o estereótipo clássico de professores tradicionais, que não olham o aluno como sujeito sensível e sim como o indivíduo que vai ser moldado para o mercado de trabalho.

Já Maicon traz duas experiências, uma da Educação Infantil e outra no Ensino Superior.

Tive apenas uma experiência negativa no meu percurso da Educação infantil, na época com a professora de sala, sempre íamos ao parquinho da escola antes do almoço, mas nesse parquinho tinha outras crianças mais velhas que eu. Como eu era um menino levado, sapeca, parecia que era dos grandões. Certo dia eu estava correndo e a professora me pegou pelo braço e me deu um apertão e disse " eu quero que tu vai hoje lá com os maiores, para você ver se não vão todos para dentro da sala", disse mais "vai ficar ali sentado de castigo e sem almoço porque está bem gordo apenas maçã se ainda quiser". A maçã era sobremesa, isso me marcou muito, pois não havia feito nada de mais apenas um menino querendo brincar com os maiores. No ensino superior teve algo referente a desmotivação, mais não algo absurdamente relevante. Na 1ª fase do curso, quando fiz uma entrega de trabalho e o meu ficou por último, porque tinha um pedaço que constatou plágio, mas como era primeira fase o professor poderia ter chamado em um canto e ter explicado que esse tal parágrafo poderia estar referenciado ou algo parecido, isso me marcou muito no decorrer da minha formação acadêmica.

Larissa relata várias situações negativa em seu percurso escolar.

Muitas relações diferentes afetaram meu caminho, professores na infância que exigiram coisas de mim da qual não havia como eu dar conta, professores preconceituosos que pregava uma anti-naturalidade daqueles que era diferente do qual eu sofri. No ensino médio professora que não conseguia enxergar um palmo a sua frente, mas continuava a trabalhar incapaz de explicar o conteúdo do qual só aprendemos por causa de um colega que era fantástico na matemática, professores tradicionais que em protesto escrevi um

quadro inteiro do conteúdo estudado pois professor fazia nós copiar do quadro a aula inteira exatamente o que estava escrito no livro, e depois ele repetia o que estava escrito e fazia os alunos assistirem aula do telecurso 2000 referente ao conteúdo e mesmo que alguém tirasse 10 na prova era obrigatório, fazer recuperação sem poder deixar a prova em branco, não tolerava atrasos e ele respondeu com absoluta indiferença ao meu protesto. Professores que eram contra minhas amizades, meu namoro e a profissão que eu escolhi no caso, ser professora.

No relato de Francine Nazário fica evidente injustiças e preconceitos.

Durante a Educação Básica muita coisa aconteceu. Sempre fui muito dedicada aos estudos, sempre amei estudar! Claro, muito disso foi incentivo familiar. Mas o fato é que sempre me senti motivada a descobrir, conhecer e não ficar parada. Sempre fui muito curiosa. Isso nem sempre foi bem visto aos olhos de poucos ou raros professores, mas que marcaram. Na 3ª série do fundamental, minha professora falava que eu estava mentindo constantemente quando levava alguma curiosidade para sala. Me dava notas baixas quando eu colocava essas curiosidades das minhas descobertas extra aula. Na 6ª série (peguei ainda tempo das séries), minha professora de matemática me mandou para direção alegando que passei cola para minha colega dizendo: "ela se acha, só porque sabe matemática". No 3º ano meu professor de Sociologia "chutou" minha nota de prova - seria a única vez na minha vida que ficaria em recuperação - se não fosse meu pai exigir que o professor entregasse a prova, que não estava corrigida, ficaria com nota baixa e porque o professor não corrigiu a prova, deu a nota que estava com vontade - o que levou o professor a fazer? Até hoje não sei o motivo. Durante a educação infantil eu vi professoras fazendo o menino negro "rodar a baiana" na frente de todo mundo e eu não contei nada por medo. O fato é, o que me desmotivou a optar em fazer licenciatura, anos mais tarde passou a ser o que me motiva. Eu posso fazer diferente, podemos e devemos.

Flor relata sobre o bullying e algumas desmotivações e constrangimentos com professores/as e a escola.

Inicialmente na infância minha relação com os professores era normal, sempre sofri bullying por diversos motivos, mas principalmente pelas minhas características, lembro que muitas vezes tinha medo de falar para os professores. Nos anos finais minha relação com professores não é algo que eu gosto de lembrar, principalmente no 6º ano por ser aluna nova na escola os professores não tinham muita paciência de explicar ou entender os

alunos. Nunca tive muito incentivo e passei por muitas situações de constrangimento com alguns professores. Um exemplo foi em uma aula de matemática na troca de caderno, a professora bateu na mesa me chamou de preguiçosa ao ver que meu caderno estava em branco e eu estava na primeira folha, a mesma não deixou eu explicar que minha matéria tinha acabado e era caderno novo. Esse episódio ficou muito marcado, em outras situações fui obrigada a ler em voz alta e devido a isso até hoje tenho vergonha de ler em público, por passar momentos constrangedores até mesmos em apresentações de trabalho. No meu primeiro ano do ensino médio rodei por falta, passei muito constrangimento em sala de aula, não tinha vontade de ir para a aula, tive professor que ria de mim e muitas vezes debochada ou falava algo para constranger.

Por conseguinte, Karolyne nos conta sobre uma fala inaceitável de um professor.

Quando estava no terceirão, um professor de Física perguntou para a turma qual a profissão que o pessoal ia escolher para seguir a diante. Quando chegou na minha vez disse que gostaria de ser professora de Artes. Foi então que o mesmo disse que era melhor me enforcar do que ser professora. Me lembro no dia que no momento não disse nada, e nem o restante da turma (que achou aquilo como uma atitude normal). Foi só quando a coordenadora pedagógica foi semanas depois na turma trazendo junto uma professora pedagoga aposentada (era um projeto de trazer pessoas que atuassem em diversas áreas para os alunos conhecer) que mencionei o ocorrido. Já na parte de me constranger não tive, porque ficava muito na minha e evitava arrumar confusão com os professores (mas encontrava confusão com os colegas ou direção).

Por fim, Marina relata desmotivação a respeito das aulas de Artes.

Quando troquei de escola no ensino fundamental II, partindo para uma escola estadual, muitas foram as professoras que por minha turma passaram; tive aquela tradicional, que pedia apenas desenhos técnicos (onde eu nunca me saía bem); no ensino médio, realmente desanimei das aulas de artes, por conta de ser apenas cópia de textos e realização de desenhos, as relações com as professoras foram distantes.

Diante disso, podemos refletir sobre quais comportamentos e falas de professores/a afetaram de forma negativa os acadêmicos/as em seus escritos. Observamos que é comum nos relatos aparecer o termo “professores/a tradicionais” como algo ultrapassado, que diante de estudos recentes é

considerado antiquado. Na educação e em suas práticas pedagógicas existiu essa tendência tradicional. “Historicamente, a teoria tradicional surgiu no período conhecido como educação jesuítica, na tentativa de catequizar os índios, estendendo-se até início do século XX” (WROBLESVISKI, 2009, p. 11014).

Essa tendência visa o professor/a com detentor do saber, aquele/a que transfere seus conhecimentos aos alunos/as. Utiliza práticas de repetições, cópias e memorização. Nos relatos de Larissa, Marina e Juliana aparecem professores/as tradicionais, a Larissa fala sobre quadros inteiros que precisava copiar. Já Marina fala sobre essas práticas presentes no ensino de arte, cópias e só desenhos. Honorato contribui ao dizer,

Nessa perspectiva os professores e professoras ministravam os conteúdos por meio de atividades que primavam pela repetição e tinham como objetivo principal o exercício da memorização pelo treino do olho e da mão, e com isso desenvolver a inteligência, o gosto e o senso moral. (HONORATO, 2015, p. 25)

Isto é, percebemos que existem ainda reflexos dessa tendência que permeia as práticas pedagógicas de professores/as inclusive no ensino de arte.

Em segundo lugar compreendo que há em comum nos relatos das graduandas e do graduando professores/as preconceituosos e com falas inadequadas. Larissa comenta sobre esses/essas professores/as e a Francine nos relata um episódio de racismo. Já a Flor disse que sofria bullying na educação infantil e não contava para os/as professores/as, pois tinha medo. Por que será que ela sentia medo? Será que a professora não percebeu o que estava ocorrendo? Existiu alguma conversa a respeito do bullying? A professora de Antropologia Kabengele Munanga contribui ao dizer;

[...] preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.15)

Ou seja, a escola é um espaço que não se limita ao conhecimento do conteúdo de disciplinas, mas se abre para outros saberes, como observar e criticar a sociedade em que vivemos. Possibilita discussões sobre as diversidades existentes, promovendo reflexões sobre nossas diferenças e sobre a necessidade fundamental

do respeito ao outro. No relato de Maicon percebemos um desrespeito na fala inadequada da professora ao chamá-lo de gordo, pior ainda o castigando, deixando-o sem almoço.

Essas falas inadequadas e julgamentos também estão presentes nas escritas de Larissa e Karolyne. Quando Larissa comenta que os/as professores/as se mostravam contra as suas decisões, como amizades, namoro e profissão (professora). Já Karolyne recebe o comentário de um professor dizendo que é melhor se enforcar do que ser professora ao expressar seu desejo pela futura profissão. Curioso que os mesmos que trabalham na área dão conselhos assim.

Refletimos que anteriormente professores/as conselheiros foi citado como uma experiência positiva, mas aqui não podemos considerar essas falas como conselhos, pois são falas muito invasivas e afrontosas. A BNCC coloca como competências gerais da educação básica:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p 8).

Por fim, nos escritos das acadêmicas e do acadêmico o que se reafirmou com experiências negativas além da citadas acima foram: professores injustos em sua maneira de avaliar, professores/as que desmotivaram e que não tiveram paciência com o processo de aprendizagem e não explicaram novamente, professores/as que não ouviram e não viram os/as alunos/as como sujeitos sensíveis.

4.3 QUAIS CONCEPÇÕES TÊM OS /AS ACADÊMICOS/AS SOBRE QUE PROFESSOR/A PRETENDEM SER

A segunda questão do formulário traz diferentes perguntas: “Com base em suas experiências, que professor/professora você é ou pretende ser? Dentro daquilo que você vivenciou nesses relacionamentos o que te faz pensar em ser diferente? Ou em reproduzir aquilo de bom que você vivenciou? ”. São provocações para pensarmos sobre os reflexos das experiências descritas anteriormente na construção do ser professor e professora de Artes.

Sandra fala;

Eu quero ser como minhas professoras foram e são para mim amorosas, percebendo o aluno como pessoa e não como mais um aluno. Quero deixar uma experiência boa na vida de cada, quero ser diferente e dar sempre o meu melhor a eles.

Juliana Drewke relata seu desejo por ser uma professora-artista-pesquisadora.

Uma professora-artista-pesquisadora, não pretendo perder o contato com a academia, pois visto ser a professora que está sempre em novas formações, que está aberta a experiência, que amplia cada vez mais o repertório estético, etc. Também acredito ser importante estar sempre olhando para si mesma, numa perspectiva de sempre buscar renovar suas próprias maneiras de fazer o ensino aprendizagem, ouvir os alunos mesmo que não seja apenas sobre os temas da aula, pois antes de tudo somos seres humanos complexos e múltiplos que funcionam de maneiras muito distintas.

Lili comenta sobre sua formação e os reflexos dela na futura profissão.

Ao longo da minha formação escolar e agora acadêmica passei por muitas experiências de afetos e desafetos com professores (as). Tenho memórias de afetos positivos e negativos, as duas formas de afeto me motivaram a construir uma carreira como professora. Os positivos me inspiram e me motivam os negativos serviram de exemplos para não seguir as mesmas atitudes e fazer diferente! Essas memórias sempre me acompanham, com isso, tento ressignifica-las para realmente contribuir na vida das pessoas (alunos). Pretendo ser uma professora com atitudes positivas e com um olhar afetivo para a realidade dos alunos. Eu tive uma experiência no ensino médio com uma professora de Biologia que me marcou muito! Ela demonstrava afeto em suas aulas, ouvia os alunos e sempre perguntava quando

algo não estava bem, essa relação me encantou tanto, que após anos ainda continuamos a amizade.

Já Renatha Wadocha comenta sobre suas primeiras experiências como ser professora de Artes no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

Acho que o PIBID já pode me mostrar um pouco da professora que serei. Meus "alunos" me mandam mensagens até hoje. Não passo a mão na cabeça, tenho voz ativa, mas, trato cada um como filho, respeito suas singularidades e brinco na hora certa. Acho graça quando algum professor antigo diz que eu não posso ser amiguinha, pois eu não me vejo amiguinha, me vejo uma amiga parceira, que puxa a orelha quando precisa, mas que respeita cada um. Consigo o respeito sem brigar e até hoje eles me param na rua, me chamam nas redes sociais, vão no meu trabalho e isso me dá uma sensação de que eu serei uma baita profissional.

Leila Martins discorre sobre a responsabilidade com sua profissão.

Penso que não posso fugir do que me está sendo ensinado em minha formação, vou buscar ser uma professora preocupada com a autonomia e protagonismo do aluno, assim como prezar por um ambiente democrático.

No relato de Francine Nazário fica evidente a importância de olhar sensível com respeito para o/a aluno/a.

Mas dentro das minhas experiências positivas, tratar pessoas como pessoas, ter cuidado com o outro, considerar que existem saberes diferentes. Ter olhar sensível para os outros... Incluir todos, todas e todes. Minhas experiências com inclusão da pessoa com deficiência também foram legais e importantes [graças ao Universo]. O que é ruim mantemos como aquilo que não pretendemos repetir e o que é bom precisamos reproduzir. E para mim, é muito óbvio que tratar alguém com humanidade é o mínimo que podemos fazer. A reflexão que ficar é que são outros tempos, podemos produzir coisas novas (também) e isso pode ser bom, só depende da gente.

Larissa comenta sobre interdisciplinaridade.

Penso que talvez o paradigma educacional brasileiro não pode proporcionar o que quero e vou ser. Não acredito na fragmentação do Conhecimento, acredito no uno, no todo, que uma aula não se faz com um professor, mas no mínimo três e não existe uma fronteira

dentro Conhecimento formando disciplinas, essas linhas são tênues a ponto de não significarem absolutamente nada. O professor não é uma figura sozinha.

Por conseguinte, Flor descreve sobre o que pode gerar desafetos em professor/a –alunos/as.

Com base no que eu vivenciei na escola, quero ser uma professora diferente, as vivências boas que eu tive com os professores quero reproduzir sim, mas as outras que ficaram marcadas em minha trajetória vejo que só servirão de lição para poder ver como uma atitude de um professor pode sim desmotivar ou humilhar. Gerar medo e até timidez, que pode acompanhar a criança até a fase adulta podendo prejudicar sua convivência e até sua autoestima.

Marina fala sobre um ensino de arte diferente do que vivenciou.

Pretendo ser uma professora que instiga os estudantes a realizarem as proposições como experiências; motivando-os a desenvolverem seus lados sensíveis, críticos e autônomos. Pretendo seguir o currículo de modo a propiciar experiências em diferentes linguagens da arte, ouvindo-os, estando aberta para que possamos construir aulas que os tornem protagonistas de sua formação. Seria utopia?

Na escrita de Maicon Cambruzzi ele evidencia a importância de olhar o aluno/a com afeto.

Aquele que jamais quer ser o professor "TRADICIONAL", quero e pretendo ser o professor pesquisador que se renova com cada fala dos alunos, que não pensa apenas na sua postura como profissional da educação mais que se coloca no lugar de cada aluno ali presente. Um professor que pensa junto com a turma, um professor com muitas coisas novas para crescer junto com os alunos, esse professor que tem amor, dedicação, quero ser esse professor.

Por fim, Karolyne sobre a professora que se constrói e se reconstrói.

Não sei dizer, porque acho complicado o que eu quero ser. Acredito que estamos em constantes transformações, e por isso vamos mudando e aprendendo com os alunos e a escola. Ninguém é perfeito, vai ter momentos que iremos errar, porque somos humanos, mas eu sei que tipo de professor que não quero ser. Não quero ser aquele professor da Música "Estudo Errado" do Gabriel pensador, e nem aquele professor tradicional que só fica falando, e falando, e falando e só passa pintura clássicas. Nem aquele que quando o

aluno ultrapassa a linha de um desenho vai humilhar o aluno, e muito menos aquele que propaga discursos autoritários.

Lendo estes relatos sobre que professoras e professor estas alunas e aluno pretendem ser, percebo que em algumas escritas fica evidente o anseio por não repetir o que foram considerados relacionamentos de desafetos, ou seja, fazer diferente. Larrosa (2014) contribui ao dizer que a experiência que nos afeta, que nos toca, esta nos transforma.

As acadêmicas e o acadêmico trouxeram em seus relatos concepções de professores/as amorosos/as, que param para ouvir, que têm um olhar sensível ao aluno/a e o respeita em suas singularidades, considerando que aluno/a possui diferentes saberes. A visão de professores/as que motivam e proporcionam espaços para serem autônomos e protagonistas.

Por conseguinte, o graduando Maicon expõe seu ponto de vista sobre jamais ser o professor tradicional, assim na busca por novas formações. Acredito que se os/as professores/as hoje em formação, como eu não, se atualizarem continuamente e não estiverem receptivos a mudanças, estarão um dia sendo esses/essas professores/as que hoje julgamos como tradicionais. Honorato corrobora ao dizer;

Hoje os professores e professoras de Artes, as escolas, os cursos de graduação de licenciatura em arte conquistaram um outro espaço no cenário educacional. Mas, penso que mais uma vez é necessário mudar. Aliás, precisa-se mudar sempre, pois com a dinâmica frenética do mundo contemporâneo não se pode ficar preso em três pontos apenas na construção do conhecimento em arte. Três pontos fecham e encarceram a arte, a estética, o sensível, a imagem. Tentar enformar o ensino da arte por meio de métodos generalizados engessam-no, tiram-lhe a flexibilidade e a sua capacidade de deslizamento, deslocamento e de não-pertencimento. (HONORATO, 2015, p.35)

Ou seja, é necessário sempre essa busca por novos olhares para educação e o ensino de arte. Juliana Drewke também diz sobre essa formação continuada, pretendendo não se distanciar da academia, visando em ser professora-artista-pesquisadora.

Por fim, Francine diz sobre não só reproduzir as coisas boas, mas repensá-las e produzir coisas novas. Lembrando-nos da “docência artista” de Loponte, que se faz “artista”, assim “como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se” (LOPONTE, 2007, p. 236). Karolyne contribui dizendo que

provavelmente vai ter momentos que vai errar, mas tem a certeza da professora que não quer ser. Os relatos apresentados me fazem refletir sobre que professores/as e ensino temos e o que queremos.

5 PROJETO DE CURSO

Problematizações a respeito dos relacionamentos entre professores/as e alunos/as. Possíveis reflexos desses relacionamentos na construção do ser professor e professora de Artes.

5.2 CARGA HORÁRIA: 1 horas e 30 minutos

5.3 PÚBLICO-ALVO: Estudantes de licenciaturas em arte, formadores/as de professores/as de Artes e demais interessados.

5.4 JUSTIFICATIVA

Discutir sobre a importância dos relacionamentos entre professores/as e alunos/a fora da universidade e fora da escola é uma forma de dar visibilidade a esse tema. No espaço escolar percebo que existem várias interações, do aluno/a com o guarda da escola, do diretor/a com o aluno/a, do aluno/a com a merendeira e mais. Todas estas interações permeiam trocas, afetos, desafetos etc. O foco aqui neste projeto é a relação professor/a-aluno/a. Acredito que essa relação é muito significativa na formação dos sujeitos. Togatlian afirma sobre essa importância na formação dizendo:

Se a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas através dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade. Em relação especificamente à aprendizagem escolar, o enredo que envolve alunos, professores, tarefas, conteúdo escolar, livros, etc. não se desenvolve apenas no campo cognitivo. Existe uma origem afetiva permeando essas relações. (TOGATLIAN, 2010, p.13)

Desta forma, percebo quão significativo é estudar essas relações, pois estas refletem de vários modos na formação dos alunos e alunas nos diferentes níveis de ensino. Um desses reflexos é no sujeito que vivenciou esses relacionamentos e hoje busca pela profissão docente no ensino de Artes. Como essas vivências o afetaram nesse percurso escolar? E como elas refletem no ser professor/a de Artes? Penso

ser importante proporcionar espaços para problematizar e dialogar sobre essas questões com professores/as formados e acadêmicos/as.

5.5 OBJETIVOS

5.5.1 OBJETIVO GERAL

Oportunizar diálogos sobre a importância dos relacionamentos entre professores/as e alunos/as, tendo como objetivo refletir sobre os desdobramentos desses relacionamentos no futuro docente de arte.

5.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a importância das relações professor/a-alunos/as;
- Evidenciar de que maneira a relação professor/a- aluno/a influencia na construção do ser professor/professora de Artes;

5.6 METODOLOGIA

Propor por meio de ferramentas tecnológicas um debate por meio de uma *live*, que terá como título *Problematizações a respeito dos relacionamentos entre professores/as e alunos/as: observando possíveis reflexos desses relacionamentos na construção do ser professor e professora de Artes*. Será apresentado por mim e terá como convidada a professora Doutora Luciana Gruppelli Loponte, que atua na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Inicialmente farei as devidas apresentações da convidada, e farei a exposição de meu Trabalho de Conclusão de Curso para dar início aos diálogos sobre as relações entre os docentes e discentes. Encerrando minha fala, a professora Luciana será convidada a trazer suas considerações e experiências a respeito do assunto. Por fim, será aberto para que os participantes exponham suas dúvidas e comentários.

Referência do projeto

GOLDANI, Andrea; TOGATLIAN, Marco Aurélio; ALBUQUERQUE, Rosana de. **Desenvolvimento, emoção e relacionamento na escola**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. 87 p.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Encerro meu último capítulo com a obra *Além da memória*, 2019 de Chiharu Shiota, que apresenta fios de lã branca e papéis. Foi exposta no Centro Cultural do Banco do Brasil, em São Paulo, Brasil. Após todo esse percurso na construção da presente pesquisa, podemos pensar para além da memória, para além dos relatos dos acadêmicos/a. Desdobramentos e reflexões que ampliaram meus estudos sobre a memória e a experiência, e trouxeram a mim a compreensão de como as memórias e as experiências são essenciais na formação humana, pois influenciam na construção de quem somos e da visão de mundo que temos, consequentemente, em nossa formação de professores e professoras de Artes.

Antes de iniciar a pesquisa pensava sobre os relacionamentos entre professores/as-alunos/as e trazia algumas perguntas e questionamentos, no entanto, havia uma certeza que estes relacionamentos afetavam a vida do aluno/a de alguma maneira, pois lembrava de minhas experiências com os/as professores/as que tive no meu percurso escolar. Assim a presente pesquisa afirmou aquilo que eu acreditava, mas me apresentou outros desdobramentos desses relacionamentos.

Nos relatos apresentados pude observar suas percepções do que descrevem como experiências e da visão que possuem de professores e professoras de Artes que pretendem ser. Suas memórias nos mostram como a experiência nos atravessa, de diferentes formas. Muitos expressaram o desejo de não reproduzirem as experiências ruins e negativas que vivenciaram. Há um desejo de ser diferente e fazer diferente!

Hoje eu sei que professora não quero ser, esta convicção vem das experiências negativas que tive com meus professores/as. Eu as vivenciei, eu as senti, e não quero reproduzi-las.

A pesquisa me trouxe muitas reflexões e afirmações, mas ainda me leva para novas perguntas e dúvidas. Todo esse desejo de ser diferente, e a dúvida de que professores e professoras vamos ser quando estivermos atuando na área? Na escola existem várias situações e cada aluno/a tem sua subjetividade, são pessoas diferentes. Talvez determinada atitude nossa como professor/a seja bem aceita por um/a aluno/a já para outro/a talvez não. Há inseguranças quando penso em minha chegada na escola como professora de Artes, bem provável que eu erre, talvez uma, duas, várias vezes. No entanto, que esses erros sejam experiência que “nos passa” como diz Larossa (2014), que nos afeta e nos transforma. Talvez o maior erro é não se deixar transformar. Portanto, não quero apresentar uma *receita pronta* de como

estes relacionamentos poderiam ser perfeitos e acredito que não existem, pois estamos falando sobre lidar com pessoas.

Loponte (2007) contribui ao dizer sobre uma docência que não possui verdades absolutas, ou seja, precisamos estar abertos a mudanças. Para Honorato (2015) além da experiência com o mundo os professores e professoras precisam ter experiência com a arte, pois segundo a autora:

A meu ver o professor e a professora que tem a experiência com a arte é alguém aberto para a transformação, para a mudança. E essa mudança do professor, da professora na escola, tem potencial de mudar a escola e o aluno que está na escola que vai multiplicar essa mudança (HONORATO, 2015. p.16).

Por fim, percebo a importância dessas memórias de experiência trazidas do tempo de estudante a respeito dessa relação professor/a-aluno/a para a construção dos futuros docentes do ensino da arte. A nós futuros professores e professoras que continuemos com esse desejo de fazer diferente, mas que saibamos estar abertos para a experiência que nos passa e transforma, pois, um dia seremos responsáveis por memórias de nossos alunos e alunas e esperemos que estas sejam de afeto e de experiências sensível.

REFERÊNCIAS

BILIO, Maria Geni Pereira; PEREIRA, Edineia Rosa da Silva. In: PADILHA, Paulo Roberto; ABREU, Janaina (Orgs.). **Paulo Freire em tempos de fakes News**: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. Instituto Paulo Freire: São Paulo, 2019. p 315- 320.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**: como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é pode levá-lo a uma vida mais plena. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

CANTON, Kátia. **Tempo e memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Transformações nos saberes sobre arte e seu ensino. **Revista de Educação Projeto**: Artes Plásticas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, v. 3, n. 5, p. 1-18, 2001.

DIAMOND, P. e MULLEN, C. **O educador pós-moderno**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

FIALHO, F.A.P. O que é ciência. In: FIALHO, F. A. P.; SOUZA, C. A. de; MARQUEZE, M. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. Univali: EaD, 2002.

FUSARI, Maria F. de R. e FERRAZ, Maria Heloisa de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo, Cortez, 1992.

GOLDANI, Andrea; TOGATLIAN, Marco Aurélio; ALBUQUERQUE, Rosana de. **Desenvolvimento, emoção e relacionamento na escola**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. 87 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 23-42.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: Espaços do Possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 9 de jun. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 175 p.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Orgs). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007. p. 231-249.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte/ educação: Afinal, quais são as nossas inquietudes? In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 226-244.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Revista Conjectura: Filos.**, Caixas do Sul, v. 20, p. 88-107, 17 jun. 2015.

PEREIRA, Jalcinês da Costa. **Afetividade: A importância da relação professor e aluno como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem..** TCC (graduação) – Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 71. 2017. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/cccb/contents/monografias/monografias-2017/jalcines-da-costa-pereira.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação. SEPesq, 2015. Centro Universitário Ritter dos Reis. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em: 26 jun. 2020.

SOUZA, Mariana Jantsch A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. João Pessoa: **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, jul. 2014.

WROBLESVSKI, D. E. F. As tendências pedagógicas no ensino de Artes. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 9. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2009.

ANEXO(S)

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ESCRITA

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO
---	---

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ portador(a) da carteira de
identidade nº (NÚMERO), _____ no CPF sob o nº
(NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso de imagem e de minha escrita, sem qualquer
ônus, em favor da pesquisa de conclusão de curso da acadêmica **Bianca Scaini
Marinheiro Bortoluzzi** do **Curso de Artes Visuais da UNESC** sob orientação da
Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato.

Local e data: _____

Assinatura: _____